

HÖLDERLIN E A EXPERIÊNCIA DO ABISMO: ENTRE A TRAGÉDIA E A TRADUÇÃO DA “ANTÍGONA”

Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)

... de quem teve apenas filhos imprestáveis,
que poderias tu dizer: que semeou
senão motivos de aflição para si mesmo
e muitas gargalhadas para os inimigos?

(Sófocles, *Antígona*, v. 730-733)

RESUMO

A tradução de Hölderlin para a *Antígona* de Sófocles assombra pela pro-
bidade filológica, tanto quanto pelas soluções sintático-poéticas com que o filóso-
fo recupera sub-temas finamente articulados no discurso trágico e no imaginário
textual. Tornou-se uma obsessão do dramaturgo-teórico o resgate do imaginário
sofocliano através de um trabalho tradutório, que muitas vezes foi tido como fal-
ho ou corruptor do original. Para levar a cabo a demonstração de uma filosofia
da escritura trágica que se desenvolveu coetaneamente à prospecção mais radical
no original sofocliano, serão apresentados alguns exemplos da *transcrição*
hölderliniana, a serviço do resgate de nuances temáticas e filosóficas, nem sempre
presentes, seja nas chamadas “traduções literais” e “traduções livres”.

Palavras-chave: Hölderlin - Antígona - Tradução - Mito - Pré-Romantismo

A questão das leituras da Antigüidade constitui um problema sério. Hölderlin talvez tenha sido o primeiro a dele se dar conta. Mais que isso: o poeta de Empédocles, Édipo e Antígona reflete sobre a tragédia como um fenômeno capaz de ser conhecido, mas não pela estratégia da (pseudo, para não dizer impossível) tarefa autoimposta pelas tradições poéticas da imitação. Hölderlin se afasta de seus contemporâneos ao fugir ao modelo da reprodução e da repetição laudatórias (a concepção da *mimesis* como *imitatio*) e partir para um trabalho que reedita o percurso aristotélico, mas dá um passo além do prestigioso antecessor.

Resumindo-lhe o pensamento crítico: a partir da tragédia, é possível postular o duplo nível da representação poética. O poema trágico congrega um procedimento empírico e calculável (a *mekhané*, concernente à construção da peça); este é sobredeterminado por outro procedimento (*andere Verfahrensart*), rítmico, tonal e incalculável, com o qual se apreende a lógica da obra. As alterações de sua versão mostram o esforço de reproduzir o sistema de correspon-

dências entre sons e imagens, a trama de relações que torna o mito “mais demonstrável” (*beweisbarer*). Deste ponto de vista, a mimesis para Hölderlin se organiza como metáfora. Esta, traduzindo-se para a cultura latina como *translatio*, é o de que o poeta e teorizador mais necessita: uma ferramenta teórica que corresponde à transposição de sentidos em que e unicamente na qual Hölderlin confia seu trabalho poético.

No que diz respeito especificamente à *Antígona*, a recepção da tragédia, no século XVIII, confirma a já consagrada posição de mais autêntica das tragédias gregas. Hölderlin interfere nesta linhagem prestigiosa, enriquecendo a descendência dramaturgica do mito com o trabalho que, a despeito de todas as dificuldades e resistências¹, mereceu ser distinguido como *tradução filosófica*.

Com este teórico e dramaturgo, quebra-se uma concepção classicista e sentimental da Antigüidade, dominante à sua época e obediente ao fanatismo helenófilo de Winckelmann. Na esteira de uma geração de intelectuais que fundam as bases do pensamento moderno alemão - Lessing, os poetas do *Sturm und Drang*, Herder (com a sua *Filosofia da história*) e Kant, todos protagonistas do Iluminismo alemão, Hölderlin se destaca e diferencia por uma atitude crítico-criativa, em relação ao patrimônio greco-latino. Neste sentido, Hölderlin é o último grande artista clássico da cultura européia, cuja presunção foi a de resgatar o imaginário sofocliano e o espírito da idade clássica, através de um trabalho tradutório muitas vezes tido como falho, obscuro, incompreensível ou corruptor do original.

Para se dimensionar a importância desta tradução, é necessário reconhecer os talentos do teórico e do poeta aplicados na lide com o original de Sófocles, bem como as implicações, no campo da reflexão crítica, a que o trabalho levou². Hölderlin, ao traduzir, desenvolve uma tarefa complexa. Considera simultaneamente os problemas técnicos da versificação, que coligam o rigor da poesia dos antigos a uma escrita dramática nova, propriamente moderna. A tradução de Hölderlin consegue ser um trabalho de grande probidade fi-

¹ Pelo inusitado tratamento dado ao texto canônico e pela forçosa alteração no hábito de leitura.

² O poeta elaborou poeticamente o texto em alemão, de acordo com alterações associadas a raciocínios que, muito mais tarde, a análise estrutural e semiótica justificariam.

(Oh querida Ismene, irmã de mesmo sangue!)

H 1 – *Gemeinschwesterliches! O Ismenes Haupt!*

(Oh [cabeça] comum-e-fraterna! Cabeça de Ismene!)

Toda a ênfase está concentrada na questão da união familiar, reforçada pelas palavras &□)X□□❖■&⊕ &◆er◆□❖■ e &er⊕M●X□❖■, mas que terá de ser atestada, na versão alemã, pela adesão de Ismene a uma ação. Perceba-se a nuance da tradução:

H 39-40 - ...gleich wirst du beweisen,

Ob gutgeboren, ob die Böse du der Guten?

(.....logo tu provarás

se és bem nascida ou, dentre os bons, se és má)

BL

38

M)X◆' M◆erYbM■z≡> □M erX◆&⊕> M)X◆' M er+□⊕●◆
◆*■ &⊕&z

se és bem nascida ou filha indigna de pais nobres)

O prólogo introduz imediatamente a verificação, a que a peça dará todos os desdobramentos possíveis: o que une efetivamente uma família, um grupo, uma comunidade: a cabeça e o sangue ou o pensamento e a ação? Aqui há duas leis, de qualquer modo, em foco: a lei do sangue, que associa os parentes vivos aos mortos, e a lei cerebral, de cabeça, que solidariza os parentes vivos: a primeira é inquestionável; a segunda depende de uma prova.

Há uma riqueza de nuances neste primeiro diálogo entre as irmãs. Hölderlin opta por traduzir literalmente (e não de modo idiomático), para que a percepção vaticinadora de Ismene não se perca, como costuma acontecer, nas traduções consagradas. Pergunta a irmã de Antígona:

H 21 - *Was ist' s, du scheinst ein rothes Wort zu färben?*

(O que há? Tu pareces tingir tua palavra de vermelho).

BL

20

*Xer ⊕' M⊕◆♦X)Y ⊕z●□X)⊕> Y⊕⊕□ ◆X &⊕●M⊕⊕er■
□◆◆' M⊕⊕□□>⊕

(De que se trata? Algo te atormenta, é claro.).

A ameaça vermelha e selvagem, passional e intempestiva, que se insinua no adjetivo (&ε●♣ε)ε†ε■□◆♦', de &εε❖●♣ε, púrpura), prepara o transe ébrio e báquico que terá lugar na parte seguinte, o párodo, e se concretizará nos eventos que ele encadeia.

E, de fato, esta é outra Ismene, muito diferente da fraca e inconsistente, desqualificada Ismene, que a tradição interpretativa fixou. Não por outra razão, o texto de Hölderlin salienta a condenação à morte e o ódio dirigido por Creonte Quanto aos temas do VII CONGRESSO NACIONAL a ambas as irmãs. A sagacidade de Ismene se confirma logo a seguir, no verso BL 74, quando Antígona reivindica o enterro de seu irmão como □ε●♣)ε □ε■□◆♣ε❖●ε●εε baixaza das mais duvidosas que se associa a um direito divino. Paul Mazon traduz a expressão por "santamente criminosa".

BL 73-74 - ε†ε◆❖●♣ε □ε■□◆♣ε)ε ε†ε❖●♣ε ○♣◆ □ε●♣)ε □ε■□◆♣ε❖●ε●εε
 (Repousarei ao seu lado, Cara a quem me é caro, ousando qualquer baixaza / crime.)

A fórmula associa de maneira paradoxal duas idéias diametralmente opostas: nobreza e vilania, piedade e baixaza.

Hölderlin renuncia à tensão concentrada no sintagma, preferindo traduzir esse verso por

H 75-76 - *Lieb werd' ich bei ihm liegen, dem Lieben,
 Wenn Heiliges ich vollbracht.*
 (Amada, deitarei com ele, o amado,
 quando tiver cumprido o sagrado).

A perda momentânea do paradoxo é compensada pela verdadeira rede de sugestões que permeiam o prólogo. Ismene assinalará a seguir que Antígona é demasiadamente "calorosa" com os mortos / "frios"⁴, o que introduz a pesada insinuação de **pendor necrofílico**

⁴ BL 88: ε†ε□○ε❖■ ♣ε†ε)ε ε◆♣ε□ε)ε)ε)ε &εε□ε)ε❖●ε■ ♣ε●♣ε)ε ε†ε / Teu coração se inflama por um desígnio que te deveria gelar (Paul Mazon), cor-

da heroína. Aqui, o poder da expressão literal desperdiçada é substituído por um problema subliminar à dimensão amorosa de Antígona, muito mais delicado de ser abordado que a loucura incestuosa daquele *guénos* (clã) e, talvez, intencionalmente camuflado pelo original.

Todas essas idas e vindas, no prólogo, visam demonstrar a coerência na alteração da primeira linha da peça, em relação aos subtemas que a tradução faz emergir e a sua eficiência em relação à economia dramática: o párodo, a seguir, vai tematizar a associação correlata dos dois irmãos idênticos e opostos. No delírio coral, Polínice, o agressor, se metamorfoseia na cidade agredida. Na relação metonímica que os labdácidas guardam com a cidade de Tebas ("goela de sete portas", BL 117 -  / H 121 - *siebenthorige Maul*), o mútuo assassinato dos irmãos reedita a história da cidade caótica, das gerações embaralhadas, das funestas desordens em que agressores se confundem com agredidos, amigos passam tanto por amantes quanto por inimigos, marido é filho, tio é primo, filho é irmão....

A forma como os dois se imiscuem, no confronto, evoca, inclusive no furor do abraço mortífero, a dimensão erótica da morte. E aí também comparece a dimensão incestuosa e necrófila nos irmãos que se odeiam em vida / amam na morte e reeditam o espetáculo de entredevoração ancestral. A alelofagia (devoração recíproca) levou ao cúmulo a tara do endocanibalismo tebano.

No texto, há uma plissagem que embute nas múltiplas referências a *philós* as noções de parente (amigo de sangue), amigo (social adquirido) e amante (com valor sexual).

2 – Outra situação palpitante, que parece ganhar relevo na tradução alemã, decorre da adaptação da lenda tebana ao imaginário ateniense do século V a.C. Nesse sentido, a instituição do epiclerato, com toda a carga de violência que esta instituição represa, ganha espaço, principalmente no primeiro episódio, quando Creonte faz sua

respondendo a H 90: *Warm für die Kalten leidet deine Seele* / Tua alma quente sofre pelos frios.

SOPHOCLE. *Antigone*. Trad. Paul Mazon. Introd., notes, postface Nicole Loraux. Paris: Belles Lettres, 1997.

ROSENFELD, Kathrin H. *Antígona - de Sófocles a Hölderlin: por uma filosofia "trágica" da literatura*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. *L'Imitation des modernes*. Paris: Galilée, 1986.

SCABUZZO, Susana *et alii*. *El discurso judicial en la tragedia de Sófocles*. Bahia Blanca: Ed. de la Universidad Nacional del Sur, 1998.

NUÑEZ, Carlinda F. Pate. *O Universo trágico da "Antígona" de Sófocles e suas relações com "Pedreira das almas" de Jorge Andrade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. (Dissertação de Metrado - xerox).

BRANDÃO, Junito de S. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991. v.